A ESCRITA: A INTERSUBJETIVIDADE NO CAMPO INTELECTUAL

Rosa Maria Blanca / UFSM

RESUMO
O objetivo do presente artigo é discutir a escrita como prática na metodologia de pesquisa em artes visuais e educação, possuindo como suporte um diário. Sugere-se que a escrita produz intersubjetividades e reflexões para pensar o campo intelectual da arte/educação. Pretende-se reunir elementos consideráveis para a formulação de projetos de pesquisa que questionem os modelos disciplinares do conhecimento e que, por sua vez, ampliem o olhar da constituição de si como quem pesquisa em arte/educação. São analisadas algumas escritas de diários de discentes das artes visuais como suplemento da proposta investigativa. Assume-se o presente escrito como uma anotação inicial, para uma pesquisa que priorize os processos de subjetivação na arte/educação como constituintes na formação do(a) professor(a) como sujeito contemporâneo em um contexto de conhecimento emergente.

PALAVRAS-CHAVE
campo da arte/educação; escrita; estudos da ciência; intersubjetividade; linguagem.

ABSTRACT
The purpose of this article is to discuss writing as practice in research methodology in visual arts and education, having as support a diary. It is suggested that writing produces intersubjectivities and reflections to think the intellectual field of art/education. It is intended to gather significant elements for the development of research projects that question the disciplinary models of knowledge and, in turn, expand the look of the constitution of itself as those who research in art / education. The author analyze some written diaries of students of the visual arts as a supplement of the investigative proposal. It is assumed this written as an initial annotation to a search that prioritizes the processes of subjectivity in art/education as constituents in the formation of a teacher as a contemporary subject in an emerging knowledge of context.

KEYWORDS
field of art/education; writing; intersubjectivity; language; research methodology; science studies.

Introdução

O objetivo do presente artigo é discutir as distintas abordagens que permitem a escrita na metodologia da pesquisa em artes visuais e educação, e tendo como suporte um diário. Sugere-se que a escrita em um diário produz intersubjetividades, além de reflexões que abrem espaço para pensar o campo acadêmico da arte/educação. Pretende-se reunir elementos consideráveis para a formulação de projetos de pesquisa que questionem os modelos disciplinares do conhecimento e que, por sua vez, ampliem o olhar da constituição de si como quem pesquisa em arte/educação. São analisadas algumas escritas de diários de discentes das artes visuais, tanto do currículo da licenciatura quanto do bacharelado, ao longo da disciplina de metodologia de pesquisa em artes visuais, como suplemento da proposta investigativa. Assume-se o presente escrito como uma anotação inicial, para uma pesquisa que priorize os processos de subjetivação na educação e na arte como constituintes do sujeito contemporâneo em um contexto de produção de conhecimento emergente. A pesquisa insere-se na área dos estudos da ciência.

Evidentemente, sobrepor *a escrita – de si* – em uma licenciatura ou bacharelado em artes visuais pode resultar distante dos paradigmas curriculares institucionais. No entanto, aponta-se que a pesquisa acadêmica possui como um dos seus principais objetivos a produção do conhecimento, realizada mediante a escrita. O que quer dizer que essa dinâmica escrita da pesquisa é constituidora de futuros arte/educadores e/ou profissionais das artes. Isto quer dizer que, dependendo de qual forma será trabalhada, a pesquisa intervirá na constituição de sujeitos mediante experiências subjetivas, objetivas e culturais, estruturadas pela linguagem. Sob esses supostos e inquietudes que o presente artigo concebe a linguagem: como suscetível de ser (re)inventada, exercitada e divulgada, como ciência ou não-ciência, como arte ou não-arte, demandando a sua atividade, prática e (re)formulação contínua durante o processo de pesquisa. Torna-se implícito que os(as) ingressantes em uma academia ou instituição do saber dominam a linguagem escrita. Contudo, continuamente, percebe-se a insatisfação que discentes manifestam pelos inconvenientes que atravessam no momento de conceitualizar experiências e investigações, artísticas e educacionais, no contexto de elaboração de um projeto de pesquisa. Não é o objetivo do presente artigo, julgar sob o senso

comum como “natural” o distanciamento que existe entre a prática artística e a expressividade escrita em um/a discente de artes visuais. O ponto é que a prática da escrita é considerada como uma faculdade menor em um curso de artes visuais, se comparada com outras graduações como aquelas pertencentes às ciências humanas. Observa-se que a dedicação exigida nas denominadas disciplinas práticas ou de ateliê ocasionam o esquecimento do exercício da escrita. As disciplinas de um curso como artes visuais geralmente formulam-se ou estão dominadas pelo binômio curricular teoria – prática. Não obste, na atualidade, existem planos de estudos que contemplam exercícios práticos nas disciplinas teóricas. Em contrapartida, há docentes que ministram aulas práticas favorecendo o aprofundamento teórico, no qual são solicitadas produções textuais.

Por outro lado, e para efeitos do presente artigo, a preocupação que realmente interessa é o esquecimento que acontece durante a formação acadêmica fundamentada na sistematização de uma pesquisa: o esquecimento de si. Perdem-se as negociações de subjetivações frente aos objetos, que ocorrem no processo de formação, precisamente, no momento da pesquisa ou trabalho de conclusão, onde deveria existir uma relação dialógica social, cultural, afetiva e reflexiva. Omitem-se conflitos e quaisquer tipos de questionamentos que impeçam o desenvolvimento da pesquisa final, em função do tempo e de outros mecanismos de institucionalização do saber. A educação e a arte, como campo e área de conhecimento, exigem a afirmação teórica e epistemológica. Em ocasiões, parece como se houvesse uma renuncia a seu contínuo redimensionamento crítico e afetivo, em função dos prazos acadêmicos.

Como falar de si em um curso de artes visuais? A inserção da escrita em uma disciplina como metodologia de pesquisa em artes visuais parece ser a forma mais apropriada para seu desenvolvimento. Através da escrita idealizam-se assuntos próprios da investigação em curso (CARLINO, 2006). Existem várias pesquisas em relação à importância da escrita na formação universitária. É relevante aqui a pesquisa de Isabelle Delcambre e Yves Reuter (2002). Delcambre e Reuter definem a escrita como um fenômeno de transcrição do pensamento. Os autores problematizam a escrita quando exigida a estudantes em nível avançado, onde a

expressão da incerteza é interditada, em uma pesquisa que prima a objetividade e a neutralidade (2002).

O suporte que se localiza como o mais flexível para o exercício da escrita de si é o diário. Propõe-se a escrita de si como ato contingente e marcante nos distintos processos de subjetivação que atravessam os indivíduos no seu processo de formação. A escrita de si é uma arte. A leitura de si, em sala de aula, acompanha sua escrita. Porque a leitura de si produz alteridade(s). Entre a escrita e a leitura vive(m) a(s) intersubjetividade(s). Falar de si mesmo como um outro (RICOEUR, 1990).

O diário como suporte da escrita é um recurso da pesquisa, que encontra seu uso em distintos contextos. A *bitácora* era um diário de bordo onde se faziam as anotações das incidências durante a navegação. É nesse sentido que se pretende empregar o diário como suporte para a escrita, como um espaço para a expressividade de incidentes durante a pesquisa, que permitem a mudança no percurso inicial, a incorporação de outras percepções ou a continuidade do processo investigativo em questão ou de futuras pesquisas.

Utiliza-se o diário em um contexto aberto, o que significa que não está se limitando ao diário *de campo*. No entanto, não pode ser ignorado o diário de campo como dispositivo, principalmente, em pesquisas como a de Rita de Cássia Magalhães de Oliveira (2014). No seu artigo “O diário de campo como dispositivo de (in)formação na /da abordagem (auto)biográfica”, a autora discute questões de diversidade cultural e vida cotidiana (2014). Os escritos do diário são conceitualizados como *narrativas*. Através das narrativas estudadas, Magalhães de Oliveira resgata as experiências de vida que passam a ser significativas para a construção identitária de grupos culturais (2014). Não vai ser por acaso, que a análise da autora centra-se em uma comunidade rural-quilombola, problematizando dimensões étnico-raciais. Magalhães de Oliveira destaca o cunho auto-biográfico da escrita no diário de campo, de modo a efetuar-se uma interpretação de si, por parte do próprio pesquisador, como autor do diário, que por vez, para ela constitui a própria pesquisa.

Outra pesquisa relevante no que se refere ao uso de diário no contexto da arte/educação é a efetuada por Marilda Oliveira de Oliveira (2014). No seu artigo "Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa", Oliveira também investiga a partir de categorias como *narrativo-biográfica*, para tomar em conta qualquer tipo de documentação que se relacione com o trabalho do professor, como cartas, caderno de notas, vídeos, filmes, etc (2014). Nesse sentido, a pesquisadora possui o objetivo de cunhar a documentação que se produz durante o trabalho do professor como *testemunho biográfico* (2014).

A escrita do diário intensificou-se no século XIX, como um modo de confissão.

Pensar o diário como uma interface da disciplina de Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais, para a formação de professores, artistas, curadores e profissionais das artes, tem sido um dos desafios na minha atuação como docente. Foram analisadas algumas escritas, através da leitura de diários de seus autores e autoras, como discentes pesquisadores. No início da presente pesquisa, a proposta do uso de diário foi lançada na apresentação de distintas disciplinas, como Teoria e Crítica das Artes Visuais, durante a orientação dos Trabalhos de Graduação, etc, sem que contasse no plano de estudos. Como poucos(as) discentes usaram essa interface no processo de pesquisa, formulou-se a ementa do plano de estudos da disciplina de Metodologia de Pesquisa sob o suposto da linguagem como *realidade estruturante*.

Essa necessidade foi o que levou à realização da presente pesquisa. A emergência da linguagem como primado metodológico e de constituição de si na formação de professores(as) e profissionais das artes.

A linguagem científica deve seguir o cânone da formalidade, da neutralidade e da objetividade, em detrimento da subjetividade. Em outras palavras, a especificidade da linguagem científica ancorada na sua artificialidade é o que delimita o campo científico do senso comum e das denominadas pseudociências (LLÁCER LLORCA & BALLESTEROS ROSELLÓ, 2012). São os modos de apresentação da sua linguagem o que legitimam a pesquisa científica. De tal forma que a autenticidade do conhecimento é gerada na linguagem. A divulgação do conhecimento pode sofrer qualquer tipo de deturpações, mas isso não deslegitima a especificidade da ciência. No entanto, atualmente, a divulgação do conhecimento compete ao próprio

pesquisador. A proliferação de revistas científicas, congressos, seminários, repositórios institucionais, sistemas *open access*, modificam as maneiras em que se produz o conhecimento, obrigando ao pesquisador tornar-se não somente um *expert* em sua área, mas o próprio meio de divulgação a partir do domínio da linguagem.

Mas então, falar da crise da ciência significa falar da crise da linguagem? Isso significa que entrever um tipo de crise na produção de conhecimento significa especular uma crise nos usos da linguagem na educação? E ainda, para problematizar a metodologia da pesquisa em arte educação, deve ser problematizada a linguagem? A experiência da agonia da linguagem poderia ser encarada como o desfalecimento do pensamento racional e do modo de conhecer o mundo (LARROSA, 2001).

Essas retóricas e sentidos da linguagem estão sendo cada vez mais atravessadas por processos de subjetivação e percepções descontínuas. Essas descontinuidades na (des)institucionalização das práticas e dos saberes somente podem ser identificadas na produção de uma linguagem emancipada da lógica e da objetividade científica.

Nesses termos, propõe-se a escrita como uma tecnologia da metodologia da pesquisa, estruturada nas vivências do pensamento subjetivo, encontrando como suporte o diário, dentro dos tópicos estudados no plano de estudos da metodologia da pesquisa em arte/educação.

A seguir, discutem-se revelações efetuadas durante a leitura da escrita de diários. No horário da disciplina, foram compartilhadas experiências como processos de subjetivação e de formação, em diferentes dimensões. Cada discente podia escolher ao menos uma frase, um enunciado ou um parágrafo com o qual se identificasse. Prevalecem questionamentos do próprio campo, a transdisciplinaridade e a intersubjetividade.

A formação em arte/educação é uma experiência?

Na primeira dimensão, pede-se que sejam produzidos enunciados relativos à experiência do campo da arte/educação. A leitura do diário por parte de discentes, que materializam através da escrita o direcionamento da educação como campo é

destacada. Escolhem-se as leituras das discentes A, B e C, onde escrevem e fazem leitura das suas impressões da própria aula de metodologia e de outras disciplinas curriculares da licenciatura. As discentes A, B, C e D utilizam a escrita como uma forma de comunicar a preferência por determinados autores que são utilizados pelos professores: “hoje, a aula foi diferente, porque foi nomeado Paulo Freire”; “nas aulas deste semestre, os professores não gostam que eu fale de – Paulo – Freire”; “devo citar a – Gilles – Deleuze, porque é o autor favorito dos meus professores, eles também gostam de – Michel – Foucault”, “se eu quero fazer o mestrado, devo usar mais o – Gilles – Deleuze”. Através da sua leitura, os discentes encontram na escrita um espaço para enunciar a forma em que está sendo construído o campo de educação.

O campo da educação é como campo intelectual. O campo intelectual é um sistema de linhas de força constituído pelos seus agentes (BOURDIEU, 2002). Pode sugerir-se que alguns dos agentes desse sistema de linhas de força estão configurados no corpo docente de um curso acadêmico. Esse sistema conforma o *inconsciente cultural* (2002). A escrita dessas percepções que operam as rotinas discursivas das aulas pode chegar a dar corpo a esse inconsciente cultural. O que é pertinente falar e pesquisar, o que pode ser usado ou não pode ser usado, as bibliografias e filosofias, as distintas relações entre autores e professores, sistemas referenciais e disciplinas, capital intelectual e instituições, expressam-se mediante a escrita de um diário aberto. O que pode ser denominado como *experiência discursiva* pode ser desvestida, desvelada, mediante o movimento da escrita, porque não se inscreve na lógica da aula curricular. Eis a pertinência do uso do diário em aberto. A – possível – liberdade da escrita em um diário descompromissado com a disciplina e o currículo expande as percepções e amplia a experiência da formação.

Cabe perguntar-se de que forma esse campo intelectual educacional incide no campo artístico? (WACQUANT, 2005). Quem são os(as) professores(as) dos(as) futuros(as) artistas, curadores(as) ou profissionais das artes? A separação entre uma licenciatura e um bacharelado é ilusória. Sabe-se que atualmente ambos os currículos compartilham o mesmo corpo docente. Prestar atenção na maneira como se constrói o campo parece ser uma exigência tanto ética quanto epistemológica.

As distinções possíveis entre aquilo que se escreve e aquilo que se fala diluem-se na ficção, como modos de representação do passado em um tempo narrativo que resgata reminiscências discursivas (MEXÍA, 2005). Ora, essas reminiscências discursivas adquirem consciência no campo intelectual. Essa consciência é o resultado do reconhecimento de uma experiência que operou no passado (RICOEUR, 2007). A escrita em um diário produz a experiência.

A transdisciplinaridade: risco ou desafio?

Em uma segunda dimensão, que pode ser identificada a produção da *interdisciplinaridade*, discentes elaboram reflexões epistemológicas partindo de distintas disciplinas. Existem discentes que a partir da (in)formalidade do diário, potencializam o entrecruzamento de ideias e observações que questionam a temporalidade e a espacialidade linear e racional, própria dos corpos disciplinares científicos. É o caso da pesquisa da discente E, que deseja discutir a importância dos estudos da história da arte antiga na contemporaneidade: “pretendo sair dos estereótipos, ir além da arte como representação”. O fator tempo que de certa forma é possível conceber em escalas pouco convencionais em uma escrita, tem levado à pesquisadora a ter como artistas referenciais que trabalham com a arte contemporânea, na sua pesquisa, equacionando a experiência da arte antiga com propostas realizadas na atualidade.

As diferentes concepções de tempo que possibilitam o uso do diário conduzem ao atravessamento de fronteiras nos campos disciplinares. O uso submisso disciplinar de uma metodologia em uma área, como a história da arte, reproduz o tempo da história como ciência – linear –, como é o caso da história da arte. A organização da história da arte cronologicamente distancia a percepção das práticas artísticas do passado em relação ao tempo presente, sobrepondo o método com o objeto (CRIMP, 1998-1999). A imaginação da escrita encontra coordenadas codificáveis no espaço, produzindo um tempo transdisciplinar. Sem dúvida, é pertinente a problematização da representação do passado em disciplinas como a história (RICOEUR, 2007).

Propor a escrita em aberto significa ceder a palavra ao(à) discente. Dar a palavra implica rupturas com o dito (LARROSA, 2001). Talvez, explorando a escrita no

coletivo, seja permitido (re)pensar os métodos e os objetos disciplinares em um conceito mais amplo do entrecruzamento curricular. O dito através do escrito fortalece a formação da discente em uma perspectiva de autonomia.

Intersubjetividade: a quem escrevemos quando escrevemos? Quem nos escuta?

A produção da intersubjetividade se realiza no ato de ler o diário, em sala de aula. O discente descobre-se a si mesmo e aos outros. A quem escrevemos quando escrevemos?

Para Oliveira (2014), no entanto, a leitura do diário em público redimensiona a prática pedagógica, dada a ênfase do diário no contexto da *aula*, a partir da ideia de que a escrita ajuda a problematizar a pesquisa. No caso do presente texto, o objetivo foi abrir a escrita para qualquer afeto, percepção, situação, pensamento ou reflexão, independentemente de se tratar ou não da sala de aula. Já que os objetivos da presente pesquisa são trabalhar com processos de subjetivação. A proposta de uma escrita em aberto, sob estas bases, contribui para a expansão das subjetividades e entrecruzamentos de espaços e tempos além das exigências disciplinares.

Pode ser analisado o caso da leitura em público da discente F. A discente F lê em voz alta, para colegas e professora o que aconteceu em semanas passadas no momento dela compartilhar o seu “projeto de estágio” em uma sala de aula: “me olham, sinto um estranhamento, me questionam o por quê do meu objeto de pesquisa”. Nesse giro concretizado no ato da leitura, há um desprendimento de si que ao mesmo tempo impulsiona a (re)invenção de si (IONTA, 2011). O estranhamento é um fenômeno usado como recurso epistemológico na prática etnográfica, não somente pelo confronto entre teorias, mas, também, por significar um recurso para a auto-reflexão, produz um impacto na personalidade do sujeito pesquisador (PEIRANO, 1995).

A experiência da *intersubjetividade* seria a segunda etapa após o estranhamento. O docente, como pesquisador, passa a ser o próprio sujeito da investigação (ROCHA & ECKERT, 2008). Ao compartilhar o estranhamento, um vínculo é estabelcido com

seus colegas, realizando uma troca de significados e impressões, que dizem respeito aos modos de subjetivação. A vivência do processo enriquece a sua formação no movimento súbito do conjunto de significados que inquietam aos seus pares, incluindo tanto os seus colegas de turma, quanto os seus professores ou orientadores. A percepção e detecção do estranhamento e sua convivência, através da partilha afetiva possibilitada na leitura, transformam a prática da pesquisa e da própria educação em um fenômeno, mas também em um acontecimento pedagógico.

Na leitura pública, as pessoas que escutam a colega transformam-se em testemunhas. O leitor como narrador expõe suas ações e experiências, enobrecendo o que pareceria uma "confissão" – dadas as implicações da escrita de um diário –, como uma afirmação de si perante a seus interlocutores. O ato da leitura adquire, por vezes, uma imagem de rito de iniciação.

Conclusões

A escrita em aberto dilata a percepção do corpo em sala de aula e como interlocutor da produção do conhecimento. A sua emancipação além da sistematização obrigatória do método científico favorece a ruptura da linguagem. É necessário encontrar uma linguagem mais íntima e subjetiva. Recuperar a fragilidade das vozes e das palavras. Quebrar a segurança da linguagem para que recupere a sua intimidade perdida (LARROSA, 2001).

O diário permite trabalhar de forma interdisciplinar, ao abrir um espaço na tensão do processo, acolhendo abordagens de distintas áreas do conhecimento, como um suporte que se apresenta (des)compromissado com uma única área. Os escritos mostram resultados que podem ser categorizados como transdisciplinares.

A escrita do diário produz reflexões não somente relativas ao campo da arte/educação, mas, também, problematiza a própria metodologia da pesquisa. O ato de escrever propõe um processo da pesquisa em andamento crítico, ou seja, produz questionamentos em torno à própria metodologia.

Faz-se necessária o estudo da linguagem arte/educação. Justifica-se essa afirmativa porque a linguagem articula, enlaça e problematiza. Ela é o meio próprio do que

emerge, no seu surgimento e no seu endereçamento, tanto no seu sentido abstrato como na sua implicação na sua materialização (WITTIG, 1980).

A prática da escrita focada em uma disciplina como Metodologia de Pesquisa em Artes Visuais favorece a reflexão crítica cotidiana, metodológica, epistemológica e existencial. No entanto, é pouco tempo para poder explorar o seu potencial. O diário inserido em um plano de estudos onde devem ser estudados os elementos de um projeto de pesquisa, os seus objetivos, a sua justificativa, a sua construção conceitual e metodológica, etc, perde a sua dimensão subjetiva, transformando-se em um recurso operacional, para a sistematização de uma pesquisa em educação pautada meramente na sua eficiência, descuidado os afetos e demais espaços e temporalidades íntimas de futuros professores e profissionais das artes. Os tempos para a pesquisa e para o currículo de uma licenciatura, precisam ser revisto em um contexto maior que aquele regulado pelo argumento da semestralidade e das prerrogativas institucionais. Propõe-se pensar, em outro momento, em projetos coletivos que permitam o trânsito entre disciplinas, para dilatar o tempo e o espaço em práticas mais subjetivas e menos civilizatórias.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual: itinerario de un concepto.* Buenos Aires: Montressor, 2002.

CARLINO, Paula. “La escritura en la investigación”. *Documentos de trabajo. Escuela de Educación.* Buenos Aires: Universidad de San Andrés. 2006.

CRIMP, Douglas. “Estudos culturais, cultura visual”. *Revista Universidade de São Paulo (USP)*. Nº 40, pp, 78 – 85, 1998-99.

DELCAMBRE, Isabelle & REUTER, Yves. “Le rapport a l’écriture d’etudiants en licence et maitrise: première approche. *Spirale – Revue de Recherches en Éducation.* Nº 29, pp, 7 – 27, 2002.

IONTA, Marilda. “A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade”. *Revista Estudos Feministas*, 19(1), pp, 91 – 101, 2011.

LARROSA, Jorge. “Lenguaje y educación”. *Revista Brasileira de Educação.* Pp, 68 – 80, Nº 16, 2001.

LLÁCER LLORCA, Eusebio V. & BALLESTEROS ROSELLÓ, Fernando. “El lenguaje científico, la divulgación de la ciencia y el riesgo de las pseudociencias”. *Quaderns de Filologia, Estudis lingüístics.* Vol. XVII, pp, 51- 67, 2012.

MAGALHÃES DE OLIVEIRA, Rita de Cássia. "O diário de campo como dispositivo de (in)formação na /da abordagem (auto)biográfica". *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos.* Vol. 2, Nª 4, 69 – 87, 2014.

MEXÍA, Pedro. "El pasado en el presente. Una lectura de Ricoer". In CHARTIER, Roger. *El presente del pasado: escritura de la historia, historia de lo escrito.* Ciudad de México: Universidad Iberoramericana, 2005.

OLIVEIRA DE OLIVEIRA, Marilda. "Diário de aula como instrumento metodológico da prática educativa". *Revista Lusófona de Educação.* Nº 27, pp, 111 – 126, 2014.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia.* Rio de Janeiro: Dumara, 1995.

RICOEUR, Paul. *Soi-même comme um autre.* Paris: Éditions du Seuil, 1990.

RICOEUR, Paul. "Historia y memoria. La escritura de la historia y la representación del pasado". In PÉROTIN-DUMON, Anne. *Historizar el pasado vivo en América Latina.* 2007. Disponível em: http://etica.uahurtado.cl/historizarelpasadovivo/es_contenido.php

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da & ECKERT, Cornélia. "Etnografia: saberes e práticas". Artigo publicado no livro organizado por Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. *Ciências Humanas: pesquisa e método.* Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

WACQUANT, Loïc. "Mapear o campo artístico". *Sociologia, problemas e práticas.* Nº 48, pp, 117 – 123, 2005.

WITTIG, Monique. *La pensée straight.* Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

Rosa Maria Blanca
Doutora em Ciências Humanas (UFSC), Mestre em Artes Visuais (UFRGS). Professora do Departamento de Artes Visuais (UFSM). Coordenadora do Dossiê *Artes Visuais: Diálogos com os Estudos Feministas, Trans e Queer*, Revista Estudos Feministas 23(1), 2015, e Coordenadora do Grupo de Pesquisa de (Des)Configurações e Subjetivações em Artes (GEDESA). Como artista participou em exposições como *Museu, Sensibilidades e Domesticidades* (2014), no Museu de Arte do Rio Grande do Sul.